

ENTRE REPRODUÇÃO E EMANCIPAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE IDEOLOGIA, PODER E FORMAÇÃO CRÍTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Denise Emily Ribeiro Bessa*

Nas últimas décadas, a encruzilhada provocada por crises ambientais, sociais e econômicas tem intensificado os debates acerca do papel da escola na formação crítica dos indivíduos. Nesse contexto, a Geografia assume posição relevante no campo das ciências humanas por possibilitar a compreensão das relações entre sociedade, espaço e poder. Ao lidar com categorias fundamentais como território, escala, paisagem e espaço geográfico, o ensino de Geografia apresenta um potencial significativo para contribuir com a construção de leituras mais críticas da realidade. No entanto, essa potencialidade não se realiza automaticamente, sendo necessário problematizar as formas pelas quais o conhecimento geográfico é produzido, transmitido e apropriado no contexto escolar.

Diante desse cenário, coloca-se uma questão central: de que maneira a Geografia, enquanto ciência e disciplina escolar, pode contribuir para a formação de sujeitos que sejam capazes de interpretar criticamente o mundo contemporâneo? Tal reflexão se mostra ainda mais relevante em um cenário marcado por crises sistêmicas que atravessam diferentes dimensões da vida social. Assim, este resumo busca discutir o papel do ensino de Geografia na articulação entre reprodução de estruturas sociais e possibilidades de emancipação crítica no espaço escolar.

* Estudante de graduação na área de ensino de Geografia pelo Instituto Federal de Brasília (IFB) – Campus Riacho Fundo I.

Para essa discussão, partindo-se das contribuições de Yves Lacoste, cuja obra *“A Geografia – Isso Serve, em Primeiro Lugar, para Fazer a Guerra”* traz como proposta uma interpretação provocativa sobre o caráter estratégico do conhecimento geográfico. Segundo o autor, a Geografia não deve ser compreendida apenas como um saber descritivo ou neutro, mas como um instrumento historicamente associado a estratégias de poder, controle territorial e planejamento político-militar.

Nesse sentido, Lacoste estabelece uma distinção entre a chamada Geografia Fundamental, vinculada às estratégias de poder e tomada de decisões, e a Geografia dos Professores, frequentemente apresentada de forma simplificada e despolitizada no ambiente escolar — colocando-a como um conhecimento maçante e simplório. Essa interpretação permite compreender que o ensino de Geografia pode, em determinadas circunstâncias, contribuir para a reprodução de visões de mundo que ocultam, de forma intencional, as relações de poder presentes na produção e análise do espaço.

Nesse cenário, é possível traçar um diálogo com as reflexões de Louis Althusser acerca dos Aparelhos Ideológicos do Estado (ou AIE), entre os quais a escola ocupa uma posição central. Para o autor, o sistema educacional desempenha papel fundamental na formação ideológica dos indivíduos e na reprodução das estruturas sociais existentes, contribuindo para a manutenção de determinadas relações de poder.

Entretanto, a compreensão do papel da escola não se limita a uma dimensão reprodutivista. Em contraste com as perspectivas apresentadas, no campo da educação crítica, Paulo Freire apresenta contribuições fundamentais ao defender que a prática educativa pode assumir um caráter emancipador. Em sua obra intitulada *“Pedagogia do Oprimido”*, o autor critica a chamada educação bancária, baseada na transmissão unilateral do conhecimento (em que o professor se vê detentor de todo o conhecimento e se coloca na posição de “depositar esse saber” no educando). Além disso, propõe uma pedagogia fundamentada no diálogo, na problematização da realidade e na construção

coletiva do saber — ou seja, num ensino horizontal. Para Freire, a educação deve possibilitar o desenvolvimento de uma consciência crítica que permita aos sujeitos compreender e transformar as condições sociais em que estão inseridos e, em comunhão, se libertarem.

A partir dessas percepções até aqui apresentadas, torna-se possível compreender que a Geografia se situa nesta encruzilhada: por um lado, pode contribuir para a reprodução de discursos e práticas que reforçam relações de poder existentes; por outro, pode constituir-se como espaço de construção de leituras críticas da realidade.

Assim, pensar uma Geografia escolar comprometida com a formação crítica implica reconhecer o papel do professor como mediador na construção do conhecimento e como agente capaz de estimular reflexões sobre as relações entre sociedade, espaço e poder entre os estudantes. Dessa maneira, o ensino de Geografia poderá contribuir para a formação de sujeitos capazes de analisar criticamente o espaço que ocupam e compreender as dinâmicas sociais e territoriais que os cercam.

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LACOSTE, Yves. *A Geografia — isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. São Paulo: Sabotagem Contra Cultura, 2008.

